O DISCIPULADO E A CATEQUESE

A palavra do magistério da Igreja tem apresentado com clareza o lugar insubstituível da catequese na ação evangelizadora. A importância e as razões teológicas da pastoral catequética são evidentes, pelo menos para uma parte dos responsáveis pela animação da missão da Igreja. Constatase, porém, o desconhecimento do significado evangelizador, bem como das orientações e métodos da catequese renovada por considerável parte dos catequistas. Tal situação é consequência da não assimilação da nova perspectiva eclesial, teológica e pastoral do Concílio Vaticano II pelas estruturas da Igreja. No entanto, vários passos de atualização da Igreja têm sido dados no campo da catequese.

Diante do valor da formação dos membros da Igreja, tem havido contínua busca de superação das dificuldades e falhas verificadas nessa área. Trata-se de trabalho árduo e que tem envolvido desde os catequistas das bases eclesiais até os pastores diocesanos e a Congregação para o Clero. Os resultados desses esforços são promissores. Mas, por ser uma realidade dinâmica, o ministério da catequese, como toda a evangelização, sempre apresentará desafios para a Igreja.

Nesse contexto eclesial situa-se o Ano Catequético Nacional realizado em 2009 pela Igreja no Brasil. O ponto culminante foi a III Semana Nacional de Catequese, realizada de 7 a 11 de outubro, deste ano, em Indaiatuba (SP).

Por várias razões a Igreja assumiu tal iniciativa. Em primeiro lugar, recorda-se um fato histórico significativo para a catequese no Brasil. Em 1959, realizou-se o primeiro Ano Catequético em nosso País. Agora, com essa decisão unânime dos bispos, a Igreja no Brasil confirma a "renovada importância" que ela tem dado à catequese. Esse acontecimento eclesial, que mereceu a atenção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),

foi aprovado, em 2006, em sua 44ª Assembleia Geral. Celebram-se também, neste ano, os 30 anos da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, do Papa João Paulo II, bem como os da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla. O Ano Catequético sintonizou ainda com o 12º Encontro Nacional das Comunidades Eclesiais de Base, realizado em Porto Velho, cujo tema foi: “CEBs: ecologia e missão”.

O Ano Catequético Nacional teve como tema: “Catequese, caminho para o discipulado”. Seu lema: “Nosso coração arde quando ele fala, explica as Escrituras e parte o pão” (Lc 24,32.35). Vê-se logo que seu espírito sintoniza com a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, realizada em Aparecida, em maio de 2007. Por isso, seu objetivo geral era “dar novo impulso à catequese como serviço eclesial e como caminho para o discipulado”. Este Ano se inspira também no Sínodo dos Bispos (2008) que se dedicou ao assunto: “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”.

Sua finalidade é levar a todas as Dioceses, Prelazias, Paróquias, Comunidades, Pastorais e Movimentos, bem como aos agentes de pastoral leigos/as, religiosos/as e, de modo especial, a todos os/as catequistas o Diretório Nacional Catequético (DNC - 2005). Trata-se, essencialmente, de uma adaptação do Diretório Geral para a Catequese (DGC - 1997) para a Igreja no Brasil. A finalidade do DGC expressa na sua primeira versão, aprovada pelo Papa Paulo VI em 1971, foi agora reafirmada. Ele se propõe a, “efetivamente, fornecer ‘os princípios teológico-pastorais fundamentais, inspirados no Concílio Ecumênico Vaticano II e no Magistério da Igreja, aptos a poder orientar e coordenar a ação pastoral do ministério da palavra’ e, de forma concreta, a catequese” (DGC, n. 9).

Esse acontecimento, afirma o texto-base do Ano Catequético, constitui privilegiada oportunidade para operacionalizar o Diretório Nacional de Catequese e as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, à luz da proposta do Documento de Aparecida. Portanto, espera-se que a atenção dada, em nível nacional a este assunto, nesta oportunidade, seja uma contribuição para o aperfeiçoamento do ministério da catequese.

Uma realidade tão complexa como a catequese implica diversos aspectos que devem ser situados e redimensionados, a fim de melhor se propor uma ação catequética que seja eficaz. Em primeiro lugar, é preciso considerar a realidade da sociedade atual e, dentro desta, a instituição família e as pessoas concretas, os destinatários da catequese e os/as catequistas de todas as fases do processo catequético.

Vive-se hoje na realidade urbano-industrial pós-moderna muito afetada por problemas os mais diversificados. Na sociedade atual dá-se grande importância ao que pode trazer satisfação imediata das necessidades – que nem sempre são verdadeiras – dos indivíduos. Tem-se a impressão de que

tudo vai se tornando efêmero, descartável. As solicitações do sistema baseado no consumo de coisas e da valorização do “ter” e não do “ser”, pela força do marketing, dominam as pessoas. Assiste-se a crescente violência urbana, inclusive com o envolvimento de forças públicas. Na política sofre-se inaceitável situação de corrupção e de desrespeito das instituições do Estado. No campo religioso há abundante oferta de “produtos religiosos” que deixa homens e mulheres, jovens e adultos perplexos e, muitas vezes, sem direção na vida. Valores verdadeiros e falsos, com a ideia do relativismo, são colocados no mesmo plano. Isso é muito comum no campo da religião (cf. DNC, n. 95). O indivíduo e a instituição família perdem as referências culturais, religiosas e morais. Eles se tornam vulneráveis a essa série de problemas, sem falar da gravíssima desestruturação da família (cf. DNC, n. 95).

Além de tudo isso, destaca-se um dado que é central quando se trata de transmissão da fé e da proposta do Evangelho. Com o advento da secularização, criou-se um contexto social diferente daquele em que os ensinamentos da fé e as práticas religiosas eram vivenciados a partir do ambiente familiar. A sociedade como um todo, pelo menos externamente, era favorável à fé tradicional. Hoje, está evidente que já passou o tempo em que se vivia em uma sociedade de “cultura cristã”, na qual a criança nascia em uma atmosfera impregnada pelos valores da vida cristã.

Por isso, constata-se na prática pastoral a ausência de uma base catequética adquirida no ambiente familiar. Não se pode mais pressupor que as crianças e os jovens venham para a comunidade – quando vêm – com os primeiros passos de uma iniciação catequética. Entretanto, esse fato, que aparentemente é só negativo, traz algo positivo e esperançoso para a missão da Igreja. O desaparecimento da cristandade, isto é, da supremacia da perspectiva cristã nas diferentes instâncias da sociedade, traz oportunidade para que se desenvolva uma evangelização que atinja os níveis profundos da realidade pessoal e cultural. Neste sentido, a catequese conta um elemento a seu favor. Não existindo mais a força da sociedade osmótica para que alguém passe a fazer parte da Igreja, cria-se espaço para que o “primeiro anúncio” seja feito de modo livre e comprometedor. A palavra anunciada poderá encontrar no destinatário alguém que se sinta interpelado a assumir a proposta de fé em Cristo e de vida cristã de modo autêntico e consequente. Depois, essa mensagem cristã será ampliada e aprofundada com o conhecimento da vida da Igreja e dos critérios de pertença e participação na comunidade eclesial. O anúncio querigmático tanto é início como “fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Cristo” (Documento de Aparecida, nn. 278, 289; cf. DGAE, n. 54). “Só a partir do querigma acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira. Por isso, a Igreja precisa tê-lo presente em todas as suas ações” (DA, n. 278). Tais orientações deverão ser transmitidas sempre no horizonte da missionariedade da Igreja. A semente do Reino de

Deus e do seguimento de Jesus tem assim uma nova chance de produzir frutos (Lc 8,8).

Outro fator presente no mundo pós-moderno e que afeta a ação catequética é a influência dos mass media com os quais está relacionada a atração pelo espetacular. O acesso crescente à rede internacional de comunicação utilizando os microcomputadores e telefones celulares, a avalanche de informações e o mundo da imagem contribuem para o enfraquecimento dos relacionamentos interpessoais diretos. A facilidade de opções de distrações, pelo menos para parte da população urbana, envolve fortemente os jovens. É verdade que esses e outros elementos fornecidos pela ciência e tecnologia modernas podem ser bem utilizados e assim se tornarem fatores de possível crescimento e aproximação entre as pessoas (DNC, n. 230). No entanto, com frequência se verifica que tais meios estão, cada vez mais, gerando um tipo de indivíduo centrado em seu estreito mundo, levando-o a ter dificuldade para o diálogo. Mas, a Igreja deve lançar mão dos recursos da cibernética para avançar no caminho de evangelização (Lc 5,4; cf. DA, n. 487).

A afirmação da subjetividade resvalou para o individualismo alimentado pelo relativismo, de modo que cada um é “senhor de si”, sem vínculos de compromisso com os demais, a não ser em situações meramente funcionais. Este problema, como o primeiro acima assinalado, é um desafio. Apresenta-se negativamente para o trabalho de evangelização, mas ao mesmo tempo é instigante para a missão da Igreja. Será necessário exercitar a criatividade na hora de pensar as estratégias de ação dos planos pastorais, devendo-se criar novos métodos para propor a mensagem do Evangelho. Os modernos meios de comunicação poderão ser instrumentos úteis para levar às crianças, aos jovens e adultos o anúncio de Cristo.

O enfrentamento desses problemas tem importância fundamental para que se dê salto qualitativo na catequese. O esforço por encontrar uma pedagogia que faça frente a esses desafios ajudará a redimensionar o significado da catequese. Ao mesmo tempo em que se for criando e assimilando novo conceito de catequese, encontram-se também novas formas de fazer a catequese. Essa relação dialética entre a busca de caminhos de efetivação da catequese e a formulação do novo conceito de catequese possibilita a interiorização do sentido de uma “catequese renovada”.

Para o bem da verdade, teoricamente essa noção de pastoral catequética, no espírito do Concílio Vaticano II, já se encontra em diversos documentos do magistério. Na Igreja em âmbito universal e no Brasil, tem havido consideráveis “conquistas catequéticas pós-conciliares”. Tais avanços foram estimulados pelo DGC (1971), Evangelii nuntiandi (1975), Sínodo sobre a Catequese (1977), Catechesi Tradendae (1979). No Brasil tem especial relevância o documento Catequese Renovada: orientações e conteúdo (CR - 1983) e agora o DNC, que define claramente seu objetivo. “Ele pretende

delinear uma catequese litúrgica, bíblica, vivencial, profundamente ligada à mística evangélico-missionária, mais participativa e comunitária” (n. 7). Este objetivo orienta uma prática catequética situada na realidade do Brasil, que é amplamente desafiadora. Ela apresenta problemas comuns e diversificados, ao mesmo tempo, conforme as situações geográficas e ambientes humanos. Por isso, na elaboração e preparação dos conteúdos e das metodologias deve-se considerar, além dos desafios já mencionados, o problema da compreensão do que é catequese, seus objetivos, conteúdos e métodos. Mas são os valores do Evangelho que “fornecem parâmetros para o discernimento do que é veiculado e vivido hoje”. Com efeito, o cristão “tem, nas Escrituras Sagradas, principalmente em Jesus Cristo, um referencial para a pessoa e a sociedade, e não cessa de propô-lo” (DNC, n. 90).

É urgente superar a visão estreita e sacramentalista do conceito de catequese. Apesar dos estudos e da elaboração de documentos sobre a catequese em vista de sua renovação, ainda não se conseguiu interiorizar o conceito de catequese renovada. A prática em vigor em muitos lugares e grupos de catequese mostra essa realidade. Subjacente a muitas orientações catequéticas em comunidades cristãs católicas pelo Brasil afora ainda está presente a ideia de que a catequese é a preparação para a primeira comunhão e ponto final. Tanto é que se afirma que, quando alguém faz a primeira comunhão, é como se tivesse concluído um curso e celebrado a sua formatura. Há um afastamento da comunidade porque o objetivo era mesmo “fazer a primeira comunhão”. Outro problema também abrangente diz respeito à formação dos/as catequistas. Aquele que anuncia a palavra de Deus e ensina a doutrina cristã carece de formação condizente com as exigências desse ministério. A formação dos catequistas deve capacitá-los a apresentar o conteúdo da palavra de Deus através do estilo narrativo e de forma criativa. Para isso é necessário incluir, no conteúdo formativo, conhecimentos de pedagogia (DNC, nn. 146, 150-151). Mas, sobretudo, deve-se cuidar de ajudar o/a catequista a aprofundar-se na pedagogia da palavra de Deus. Outro aspecto importante é a atenção à dimensão vivencial da fé, justamente para se garantir o processo de amadurecimento no caminho do discipulado e do serviço ao Reino de Deus.

Haverá grande impulso na catequese na medida em que se crie em todos os ministros do povo de Deus, clérigos e leigos/as, uma compreensão do verdadeiro sentido e objetivo da catequese. Conforme se viu acima, a catequese deve revestir-se dos vários aspectos que integram a formação e vivência da fé cristã tanto em nível pessoal como em comunidade. Como dimensão integrante da evangelização, a catequese querigmática parte do relato do anúncio de Jesus Cristo (cf. At 10,37-43; 1Cor 15,1-11). O anúncio da pessoa de Jesus Cristo é conteúdo essencial para despertar o catequizando, a fim de que ele inicie um caminho que leve ao discipulado. Neste sentido, a catequese poderia ser organizada, assumida e efetivada

como formação para o discipulado de Jesus nos vários contextos onde os cristãos vivem a sua fé no Senhor. A catequese é um itinerário e não apenas uma instrução (cf. CR, n. 281), pois ela inclui o compromisso com Jesus Cristo, a Igreja e a missão. Assim, aquele/a que está no itinerário do discipulado alcança a maturidade na fé (cf. Ef 4,6). Deste modo, é importante compreender a catequese como aspecto da evangelização que se desenvolve em espírito de comunidade e dentro desta e em vista da missão.

Por isso, a liturgia assume no itinerário da formação cristã um lugar relevante. Pode-se inclusive seguir o Ano Litúrgico, especialmente as celebrações dominicais, para aprofundar o sentido do mistério de Cristo nas diversas etapas da catequese, mas sem transformar o significado do mistério de Cristo em conteúdo de instrução apenas. O encontro pessoal com Jesus Cristo através do anúncio do querigma e da participação nos sacramentos “constitui uma autêntica catequese mistagógica” (DGAE, n. 91). Este encontro com o Senhor é um fator decisivo na formação do discípulo. Na mais antiga Tradição da Igreja, esse caminho formativo teve “sempre um caráter de experiência, em que era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo anunciado por autênticas testemunhas” (Sacramentum Caritatis, n. 64). A atenção à dimensão experiencial do mistério na formação do catequista deve ser acompanhada do cuidado com o conhecimento sistemático dos conteúdos da fé professada.

Esses são aspectos que concorrem para uma renovação da catequese. Tal renovação não significa, porém, que se deixe no esquecimento a apresentação aos catequizandos de conteúdos condensados em fórmulas fixas como as orações. O Pai-Nosso e o Símbolo da Fé, que são constitutivos da *traditio fidei*, são as principais orações às quais convém dar atenção. Mas as práticas de devoção mariana também devem ter seu lugar no processo catequético (DA, nn. 299-300). A respeito da vida de oração diz o DNC: “A vida cristã atinge mais profundidade se é permeada por um clima de oração, que tem seu cume na liturgia. A catequese torna-se estéril e infrutífera, se reduzida a um simples estudo ou mera reflexão doutrinal” (n. 53d). A catequese bíblica requer um aprofundamento que é feito com os outros elementos da Tradição da Igreja e das práticas religiosas cotidianas.

A catequese supõe uma compreensão do sentido de ser Igreja, pois ela é, em primeiro lugar, uma “ação eclesial” (cf. DNC, nn. 39, 233) de modo que o sujeito da catequese é a Igreja particular onde as/os catequistas “servem a esse ministério em nome da Igreja” (DNC, n. 234). Ela “está ligada à Igreja inteira”, por isso urge que a dimensão catequética perpassa toda a ação evangelizadora da Igreja (DNC, n. 236). A proposta de formação de comunidades que catequizam é um apelo central da Igreja hoje na América Latina e no Brasil. Pois, de fato, somente a partir da experiência de uma comunidade viva é que se torna possível formar o espírito missionário do discípulo.

Há, portanto, vários meios para que se vá efetivando a catequese em comunidade. O ponto propulsor é a tomada de consciência de sua importância na missão evangelizadora da Igreja. Com isso se dá o passo para que a preparação para os ministérios, inclusive os ministérios ordenados, considere o valor do ministério catequético. Um elemento metodológico significativo foi firmado em 1983. "A catequese encontrou no 'princípio da interação fé e vida' (cf. CR, nn. 110-117) uma das chaves mais importantes para inculturar-se na vida dos catequizandos, assumindo a realidade como parte do seu conteúdo. Na verdade, os catequizandos são chamados a evangelizar a sociedade, fazendo atuar nela os valores do Reino de Deus" (DNC, n. 85).

Que toda a Igreja comprometida com a evangelização, através da palavra e dos gestos, consiga fazer da catequese um caminho para o discipulado e o discipulado seja vivido por cada cristão participando, de diferentes modos, da prática catequética.

COLEÇÃO BÍBLICA LOYOLA

A Coleção Bíblica Loyola, sob responsabilidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, publica estudos, comentários e subsídios bíblicos de nível científico internacional, seja traduzidos, seja produzidos por biblistas nacionais.

TÍTULOS MAIS RECENTES:

19. **As duas fases da pregação de Paulo** (*M. Pesce*)
20. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo** (*J. A. Overman*)
21. **A Bíblia na Igreja** (*J. A. Fitzmyer*)
22. **O pensamento do templo - de Jerusalém a Qumran** (*F. Schmidt*)
23. **As formas literárias do Novo Testamento** (*K. Berger*)
24. **Procurais o Jesus histórico?** (*R. Zuurmond*)
25. **Sabedoria e sábios em Israel** (*J. Vélchez Líndez*)
26. **Mulher e homem em Paulo** (*N. Baumert*)
27. **A evolução do pensamento paulino** (*U. Schnelle*)
28. **Metodologia do Antigo Testamento** (*H. Simian-Yofre [org.]*)
29. **A mensagem do Reino** (*R. A. Horsley e N. A. Silberman*)
30. **Abraão e sua lenda: Gênesis 12,1-25,11** (*W. Vogels*)
31. **Israel e seu Deus:** (*F. Gradl e F. J. Stendebach*)
32. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento** (*Ina Willi-Plein*)
33. **O Jesus Histórico: um manual** (*Gerd Theissen / Annete Merz*)
34. **A Tríade: fé, esperança e amor em Paulo** (*Thomas Söding*)
35. **A Primeira história do Cristianismo** (*Daniel Marguerat*)
36. **Introdução ao Antigo Testamento** (*Erich Zenger et al.*)
37. **Introdução à leitura do Pentateuco** (*Jean-Louis Ska*)
38. **A "fórmula da aliança"** (*Rolf Rendtorff*)
39. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus** (*Michel Gourgues*)
40. **A invenção de Cristo** (*Maurice Sachot*)
41. **As origens da Bíblia** (*John W. Miller*)
42. **Naquele tempo... Concepções e práticas do tempo** (*M. Gourgues e M. Talbot*)
43. **Introdução à exegese do Novo Testamento** (*U. Schnelle*)
44. **A encarnação do Filho de Deus** (*Ulrich B. Müller*)
45. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"** (*J. Konings*)
46. **Entre os dois Testamentos. História e religião na época do Segundo Templo** (*J. Maier*)
47. **As parábolas de Lucas** (*Michel Gourgues*)
48. **Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo** (*P.A. de S. Nogueira*)
49. **O homem bíblico. Leituras do Primeiro Testamento** (*A. Wénin*)
50. **Aquele que manda a chuva na face da terra** (*C.M. Dias da Silva*)
51. **Davi e sua história** (*W. Vogels*)
52. **A Bíblia grega dos Setenta - Do judaísmo ao cristianismo antigo** (*M. Harl, G. Dorival, O. Munnich*)
53. **O Messias** (*H.-J. Fabry / K. Scholtissek*)
54. **Os milagres de Jesus - Perspectivas metodológicas plurais** (*Rafael Aguirre*)

Edições Loyola — Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo
e-mail: vendas@loyola.com.br